

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 120	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORRETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE JULHO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas, (Idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

## SUMMARIO

**TEXTO** — Chronica Occidental, GERVASIO LORATO — O theatro da rua dos Condes, MAXIMILIANO DE AZEVEDO — As nossas gravuras — Exposição retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa, R. — India Portuguesa, MORMUGÃO, R. — O abandono, MONTEIRO RAMALHO — Ephemerides artistico-litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

**GRAVURAS** — Estabelecimentos scientificos de Portugal, Instituto Goral de Agricultura, Museu de machinas e productos ruraes — Laboratorio chimico — India Portuguesa, MORMUGÃO, Obras do caminho de ferro — Padrão de D. João I em Thomar — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

É tudo festas e alegrias por esses reino acima. O Porto festeja as suas datas gloriosas depois

d'umas hesitações muito comicas em que se meteu o demonio da politica, Coimbra festeja, com um esplendor de antigas eras, a sua rainha santa aquella boa rainha Isabel que atravessava a vida semeando esmolos, pungida pela angustia terrivel da esposa mãe que vê os seus dois entes mais queridos, em luctas incestuosas — deixem-me torcer assim o adjectivo, porque se se applica a amores não sei porque não se hade applicar a odios, — e finalmente o Porto e todo o norte preparam-se galhardamente para fazer uma recepção desusada aos monarchas portuguezes que por estes dias ahí irão, a uma das festas mais nobres da civilisação, á inauguração d'uma nova linha férrea.

A leitura dos programmas de todos esses festejos faz vontade de pegar na malla e ir por ahí acima ao encontro d'elles.

Entretanto nós, que escrevemos com a nossa mala já feita, não foi, infelizmente, a sua leitura que nol-a obrigou a fazer.

Não é por gosto, por divertimento, por prazer, no fim de tudo um prazer legitimo, que deixamos as asphixiadas ruas da baixa pelas mattas do Bom Jesus, o jardim dos Recreios pelos jardins de Vianna é por necessidade, a triste necessidade de quem tem uma criança adorada e a vê abraços com o mais terrivel inimigo das creanças a coqueluche.

Não é á procura dos festejos que nós sabemos de Lisboa, é á procura da saude, e a respeito da nossa curta ausencia daremos uma pequena explicação aos leitores do OCCIDENTE.

Ha dois numeros começámos a publicar um artigo com o titulo *o theatro da rua dos Condes*, acompanhando a gravura que representava a sala de espectaculos e a modesta fachada do barracão d'esse velho theatro, hoje definitivamente condemnado.

Esse primeiro artigo, era uma introdução á historia d'esse theatro, historia que não podia deixar de ser rapida e quasi summaria attenta a

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA — MUSEU DE MACHINAS E PRODUCTOS RURAES (Segundo uma photographia de Rochiani) Vid. artigo do numero antecedente.

comprida vida d'esse theatro e as curtas dimensões do nosso jornal.

Mas, como tudo que diz respeito a este genero de trabalhos entre nós, a historia do theatro da rua dos Condes está por fazer, os elementos andam dispersos por muita parte, e é necessario condemnal-os pelas bibliotecas, pelos archivos, arrancal-os aos jornaes antigos e a velhos manuscritos mesmo para fazer um breve summario.

Andavamos n'este trabalho indispensavel e moroso quando fomos surpreendidos pela necessidade urgente de sahirnos de Lisboa. Para não addiarmos, Deus sabe para quando, a continuação do artigo publicado no 1.º de Julho, pedimos a um nosso velho amigo, escriptor distincto, e investigador minucioso, de fazer esse trabalho que nos viamos forçados a abandonar.

Elle fez-nos a amabilidade de aceitar esse pesado encargo, e aqui teem a explicação por que o nosso nome é substituído n'esse artigo pelo nome festejado de Maximiliano d'Azevedo, que pela primeira vez nos dá a honra de figurar nas columnas do OCCIDENTE.

No serviço do exercito chama-se isto *dar homem por si*, e quando a substituição é tão boa como esta, fica-se perfeitamente tranquillo, e parto socegadissimo com a consciencia perfeita de que o OCCIDENTE tem tudo a ganhar com o homem que por mim dei.

— No mundo politico ha uma grande novidade já velha, a approvação do tratado de Salamanca. Creio, porém, que essa novidade para ninguem o foi.

Dado o nosso systema parlamentar, era sabido e resabido que o tratado de Salamanca havia de ser approvado no parlamento, como será tudo que o governo quizer.

Olha que novidade!  
E se assim não fosse, o caso representaria uma negra traição, um nefando abuso de confiança. Toda a gente sabe que os deputados são empregados de confiança dos governos, como os governadores civis e os administradores de concelho.

E tanto isto é sabido, que hoje em todas as questões, apesar da época de democracia que atravessamos, não é para os eleitos do povo que o paiz appella, é para os pares do reino, que são de nomeação regia.

O paiz tinha certa razão n'isso; os deputados são nomeados pelos ministros, e os pares nomeados pelo rei, com a differença, de que os ministros teem a faculdade de pôr fóra da camara electiva os deputados que lhes não servem, ao passo que na camara alta, não teem remedio senão aguentar-se com os pares que lá estão, embora lhes não convenham.

Mas os governos inventam as *fornadas*, mettem para lá tantos pares quantos lhes são necessarios para que a camara seja simplesmente uma figura de rhetorica constitucional, e o paiz, finalmente, vae percebendo que tanto tem que esperar d'uma como d'outra; entretanto, gosta sempre mais da camara dos pares, e tem razão porque, no fim de contas, se lhe faz o mesmo que a dos deputados, são-lhe comtudo mais barato.

Na questão de Salamanca aconteceu o mesmo que com todas as outras questões, com a differença de importar em muito mais dinheiro ao paiz que as outras, porque a opposição quiz mostrar os seus recursos oratorios, o que trouxe um sem numero de prorogações, coisa que não se faz positivamente com palavras.

Esta oratoria parlamentar é carissima para o paiz, e o seu resultado unico é fazer com que as propostas do governo sejam ainda mais ruins porque, ao augmento de despeza que por uso representam sempre, tem que se addicionar o preço que custam por mais cada 24 horas os eleitos do povo.

O serviço maior que no paiz podiam prestar as opposições de todos os governos, era não discutir as questões, as camaras durariam assim apenas o praso marcado, e sempre sahiria mais barato uns tantos réis.

Do mal o menos.  
— Parece-nos que será saudavel deixar agora o syndicato de Salamanca e a politica portugueza, e tratarmos d'outras coisas menos indigestas, de livros por exemplo.

A respeito de livros teriamos que apresentar aos nossos leitores, se elle não se tivesse apresentado ha já muito com os seus magnificos trabalhos um editor extraordinario, um editor phantastico que leva o maravilhoso não só a editar livros, quasi um cumulo do fabuloso em Portugal, mas até, coisa assombrosa a edital-os com luxo.

Os raros editores portuguezes se se distinguem de todos os outros editores do mundo pela sin-

gular e temeraria ousadia de publicar livros em Portugal onde ha apenas tresentas pessoas que leem livros e d'essas, dez que os compram — ai do livro que não passa ao menos por trinta leitores amigos de quem o comprou — distinguem-se d'elles tambem pelo notavel mau gosto com que fazem as suas edições.

E n'esta extravagante distincção os editores de Lisboa levam grande vantagem aos do Porto, que fazem edições baratas e elegantes cujo segredo ainda parece não ter chegado á capital do reino.

O sr. Avelino Fernandes rompeu brilhantemente com a tradição dos editores lisboetas, e ha um tempo para cá que tem enriquecido o mercado litterario de Lisboa com uns livros elegantissimos, luxuosos, impressos com um bom gosto parisiense n'um papel primoroso, umas edições formosissimas que podem competir com as bellas edições de Lemene, o editor de luxo da Franca.

O sr. Avelino Fernandes accumula as duas grandes qualidades d'um bom editor: elevado gosto artistico para dirigir a impressão dos seus livros, e elevado gosto litterario na escolha dos livros a editar.

Em pouco tempo tem elle editado ultimamente que nos lembre:

Os *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, uma perla litteraria da mais alta valia, um *recueil* dos versos deliciosos d'esse grande e bello poeta, que tem como poucos d'hoje, a inspiração, a correcção e a delicadeza:

A *Mosca*, um engraçado monologo francez, traduzido esplendidamente em verso portuguez pelo illustre poeta Fernando Caldeira, e que conta hoje tres edições, um facto para luminarias no mercado litterario de Portugal.

Dois bellos livros italianos, um de critica — *Retratos Litterarios*, de De Amicis, e outro romance *Eva* de Verga, traduzidos com fino conhecimento das linguas italiana e portugueza pelo sr. Santos Valente.

E finalmente á hora em que escrevemos, está quasi a sair do prelo da casa editora Avelino Fernandes, um volume de versos de Fernando Caldeira, o poeta mais estimado de Lisboa e que semêa por toda a parte com os seus versos deliciosos e o seu character excepcional, admirações e sympathias.

Esse volume de versos intitula-se *Mocidades*. Vejam lá se o sr. Avelino Fernandes, não é justamente um editor phantastico?

Atreve-se a editar livros em Portugal; edita-os com luxo, e leva a phantasia mesmo a editar livros de versos.

E de bons versos aqui teem um cumulo da temeridade!

— Novidades theatraes não ha nenhuma importante n'estes ultimos dias.

A companhia dos Recreios continúa a ter concorrência e applausos, e a companhia do Gymnasio lá vae cantando as suas operas n'um meio termo desesperador de mediocridade.

Em ambas estas companhias falta uma celebridade qualquer, uma estrella que se imponha ás attentões e ao entusiasmo do publico, mas em compensação, falta tambem a ambas a concorrência dos outros theatros, e por isso ellas duas fazem carreira em Lisboa, e mais do que isso, fazem fortuna, como a companhia dos Recreios.

— Terminou já o praso do concurso para o theatro de D. Maria. Apareceu só um concorrente, a actual empresa.

Imaginámos sempre isto, apesar do boato ter logo forjado uma immensidade de concorrentes.

Era realmente impossivel concorrer em vantagem com a actual companhia, desde o momento em que a base da licitação era o nucleo de artistas necessarios para representar distinctamente qualquer drama moderno.

Ha fóra do theatro de D. Maria grandes artistas, á frente d'elles Lucinda Simões, Emilia Adelaide, Tabora e Furtado Coelho, mas esses teem o seu logar no theatro de D. Maria em a actual empresa, a quem foi adjudicado até 1889, garantido pelo programma do concurso, e o passado d'essa empresa, tão glorioso e brilhante, promettemos um futuro de prosperidade para o theatro portuguez.

Assim seja.

— Falleceu ha dias um dos mais eminentes operadores cirurgicos que Lisboa tem tido, o conselheiro José Lourenço da Luz, par do reino e professor jubilado da Escola Medica de Lisboa.

Teve um momento de grande fama em Portugal esse medico illustre, que se fez á custa do seu talento e do seu trabalho, e que, nascido, obscuro, conquistou uma posição eminente e predominante no mundo scientifico.

Paz á sua memoria honrada.

— Mudou-se já para o palacio do sr. Duque de Palmella a secretaria dos negocios estrangeiros que funcionava no Terreiro do Paço n'uma d'aquellas velhas secretarias que estava a cair aos bocados.

É extraordinaria nos habitos morosos dos portuguezes a rapidez com que se fez essa mudança, e o bom senso e bom gosto que presidiram á installação d'esse importante ministerio no palacio do Calhariz.

Dirigiu todos os trabalhos de transferencia da secretaria o sr. conselheiro Gustavo de Nogueira Soares, secretario geral do ministerio, e um dos homens mais eminentes e illustres do nosso mundo burocratico.

Deve-se á sua alta competencia, á sua illustração e raro zelo no serviço publico, tudo o que ha a notar de optimo na installação da secretaria dos estrangeiros no palacio dos Duques de Palmella.

— Ainda duas palavras ácerca do syndicato.

Esta chronica começada em Lisboa é concluida no Porto.

No dia 15 deixámos a capital agitada, clamando com uma indignação desusada contra a *ladroeira* do syndicato, como ella lhe chama no seu fim, d'ali a treze horas desembarcavamos em Campanhã, e esbarravamos com dez carruagens illuminadas a archotes, e cheias de gente gritando:

— Viva o syndicato!

E á vista d'esses archotes, e ao ouvir até á meia noite estalar permanentemente umas bombas que nos não deixavam pregar olho, comprehendemos quanto é profunda essa grande maxima:

— Cada um canta na festa, como lhe vae n'ella!

Gervasio Lobato.

## O THEATRO DA RUA DOS CONDES

### II

Para condescender com um pedido do meu presado amigo Gervasio Lobato, prestei-me a concluir o estudo por elle começado ácerca do mais antigo dos actuaes theatros de Lisboa, sacrificando assim ao dever de amizade a consideração de ser aquelle trabalho duplamente difficil para mim, pela falta que ha de subsidios historicos, e porque me substituo ao primoroso auctor da *Comedia de Lisboa*.

O sitio em que hoje está assente o que nós, com tanto irrepeito pelas glorias do passado, chamamos o *immundo pardieiro* da Rua dos Condes, ha mais de cento e quarenta e seis annos que se acha em relações intimas com a arte de representar.

É o que se deprehe de uma queixa do empresario Paghetti, dirigida em 1739 aos gerentes do Hospital de Todos os Santos e que foi transcripta pelo sr. J. M. Nogueira em 1866, no *Jornal do Commercio*.

Lamentava-se Paghetti das difficeis circumstancias em que se encontrava no seu theatro de opera á Trindade, e declarava que não podia soffrer a concorrência que lhe faziam os *empresarios das comedias italianas a quem o hospital concedera represental-as, dando-lhes o pateo dos Condes*.

Foi este *pateo de comedia*, segundo a phraseologia dos nossos avós, o antecessor do theatro, cuja historia pretendo esboçar.

Quando elle fosse construido, não sei que esteja averiguado. Talvez o podesse indagar, pesquisando no archivo do hospital de S. José, entre os papeis do Hospital de Todos os Santos, porquanto este estabelecimento pio desfrutava nos seculos anteriores o direito de dar licença para tudo o que respeitava a theatros, auferindo com isso lucros importantes. Não vale porém a pena semelhante investigação.

O que se pôde dizer é que no pateo dos Condes se representou em francez e italiano e houve exposição de presepio e de bonifrates ou *mariottes*, pelos annos de 1736 e 1737, e que antes ali tinha estado uma companhia que representava em hespanhol.

Sabe-se tambem que desde 1736 a 1742, o hospital de Todos os Santos percebeu do empresario do pateo da Rua dos Condes a quantia de 600\$000 réis annuaes. Em 1739 cantava na mesma casa de espectaculos uma companhia lyrica italiana. Dos *dramas para musica* que ali foram dados citarei os seguintes: *Merope*, *Carlo Calvo*, e o *Velogeso* de Sala, representados em 1738. Eis a distribuição do *Velogeso*: Berenice, Angela Paghetti; *Velogeso*, Guisepe Schiavoni; Lucio Vero, Antonio Santini; Lucilla, Giovana Franchi; Aniceto, Trabó Basili, Em 1740 can-

taram-se no pateo ou theatro da Rua dos Condes (nos libretos das operas dá-se-lhe sempre o nome de theatro) os dramas lyricos, *Alexandre na India*, *Cyro reconhecido* e *Catão em Utica*; e em 1741 a *Didô abandonada* de Metastasio.

Todas estas peças eram—offerecidas á fidalguia portugueza,—segundo se pôde vêr nos respectivos libretos.

Em 1742 gozava o emprezario Antonio Ferreira Carlos o direito, que Paghetti havia tido anteriormente, de ser o unico que podésse fazer representar operas em Lisboa.

Em 1743 acabou o privilegio das representações dramaticas que tinha sido restabelecido em 1736 para o hospital de Todos os Santos, e por isso Ferreira Carlos não gozou o direito que adquirira durante os dez annos de contrato.

Algumas d'estas informações aproveitámo-las do 3.<sup>o</sup> volume da *Historia do theatro portuguez*, valioso trabalho do sr. Theophilo Braga.

Discorda em certo ponto o erudito professor da asserção que acima apresentei, e que é do paciente estudo do sr. Nogueira, instruido funcionario do hospital de S. José.

Seguindo a opinião de Costa e Silva, diz o sr. Theophilo Braga que o actual theatro da Rua dos Condes está situado no local onde era antigamente a cadeia do Tronco, e que ficava effectivamente perto do pateo dos Condes.

Ora, não podendo haver sempre confiança absoluta nas affirmações do *Ensaio biographico critico*, e attendendo á coincidência dos nomes do pateo e do theatro, parece-me mais aceitavel a opinião do sr. Nogueira, que compulsou os documentós do antigo hospital, allusivos a este assumpto.

O proprio sr. Theophilo Braga, aliás reconhece isto. «O terramoto de 1755, diz s. ex.<sup>a</sup>, também arrasou o Pateo dos Condes; em ruínas ficou até que foi levantado no mesmo sitio, em 1770, pelo architecto Petronio Mazoni um novo theatro, que recebeu o mesmo titulo que o primitivo, sem contudo haver entre elles nada de commum.»

A cerca do pateo dos Condes não posso dar mais informações. Não me sobrando tempo para recorrer a documentos, que por acaso existam ineditos nos archivos, e cuja procura seria morosissima, tentei descobrir outras informações em trabalhos já publicados.

Procurei no *Jornal do Commercio* o curiosissimo estudo feito pelo fallecido escriptor José Ribeiro Guimarães, e denominado—*Memorias para a historia dos theatros de Lisboa*. Segui, desde o começo, a serie de investigações a que o autor do *Summario de varia historia* procedeu, relativamente ao theatro romano, e pateos da Bitesga, da rua das Arcas, e das Fangas da Farinha. Emquanto lia as copiosas noticias que Ribeiro Guimarães obteve acerca d'esta casa de espectáculo, de alguns artistas e peças theatraes que alli floresceram, julguei haver encontrado todos os esclarecimentos necessarios para escrever este artigo.

Infelizmente verifiquei depois que o habil investigador morrera sem deixar completo o seu trabalho, não tendo chegado a tratar do pateo, ou theatro da Rua dos Condes.

(Continua)

Maximiliano de Azevedo.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## PADRÃO DE THOMAR

Não longe da historica villa, hoje cidade de Thomar, em sitio aprasivel junto á margem direita do Nabão, e proximo da estrada que conduz á Barquinha, existe o singelo padrão que a nossa estampa representa.

A tradição diz que foi levantado para commemorar a passagem das hostes de D. João I e do Condestavel, quando seguiam para Aljubarrota, afim de apresentarem batalha a el-rei de Castella. Que motivos haveria para especialisar esse ponto, antes do que outro n'essa commemoração? será verdadeira a tradição? Vejamos.

Depois de aclamado solememente em Coimbra D. João I, saiu d'ali o condestavel dirigindo-se ao Porto, que estava pelo novo rei, e partindo d'ali, apoderou-se do castello de Neiva, de Vianna, Villa Nova de Cerveira, Caminha, Monção que estavam por Castella, d'uns por força, e d'outros por convenio. D. João I partiu depois para o Porto, d'onde seguiu a Guimarães que cercou e tomou, e chamando o condestavel, foi tomada Braga, Ponte de Lima e outras terras. Então, sabendo que o rei de Castella se dispunha a entrar de novo em Portugal pelo Alem-

tejo, e que já uma esquadra entrára o Tejo, desceram os dois campeões ao sul, e vindo a Torres Novas e Santarem se dirigiram a Alemquer, que era defendida por Vasco Pires de Camões. N'esse ponto combinaram que ficasse ahí el-rei recebendo e organisando as gentes que haviam devir de Lisboa e o condestavel partisse para o Alemtejo, onde tinha prestigio enorme, a fazer mais gente. Em tres dias chegou Nun'alvares a Evora e começou a dar ordem ao alistamento.

Em Alemquer D. João I ordenava suas gentes, e passado algum tempo, partiu para Abrantes. Como o condestavel não apparecia, n'um conselho houve alguém que o mexericasse a el-rei. Este, como o conhecia, mandou-o chamar por Martim Afonso de Mello, que para isso se offerecera, e que, partindo-se um domingo de tarde, de tal modo andou, que em vinte e quatro horas se achou em Estremoz com Nun'alvares, a quem referiu o que era passado. O condestavel immediatamente mandou dar ás trombetas, e ao terceiro dia á tarde acampou a duas leguas de Abrantes, d'onde, depois de comer, se partiu com sessenta lanças a vêr el Rei. Este sahiu a esperal-o, e folgou muito com a sua vinda, como era razão.

No entanto vieram novas de haver el Rei de Castella chegado a Elvas com poderoso exercito, e que caminhava por Alemtejo. D. João I reuniu o seu conselho para resolver o que havia de fazer-se. A opinião geral era que não se aventurasse batalha campal, mas se fizesse guerra guerreada. Escusado é dizer que o condestavel, com palavras energicas e sensatas, sustentou a opinião contraria. Sahindo, porém, do conselho, pouco satisfeito, ao outro dia pela manhã cedo, *ouvidas primeiro missas, mandou o Conde dar as trombetas e com coração bem menencorio, cheo porem de virtuosa ardideza, sem mais falar a el Rey, nem a outro nenhum, se partiu com suas gentes caminho de Tomar*, segundo diz Fernão Lopes no seu estillo seductor, e cuja narrativa resumimos.

N'esse dia houve novo conselho, e não faltou quem taxasse de desconsideração e irreverencia para com el-rei a partida do condestavel. El-rei disse muitas rasões aos do seu conselho para os mover a seguir a opinião do condestavel, que era sua, *de guisa que como o temperado formento leveda a massa que aproueite, assi as boas rasões del Rey levedaram todos, vendo seu afinado desejo a outorgarem que fosse a batalha.*

Apesar d'isso sempre se deu o voto que se ouvisse de novo o conselho do condestavel, e D. João assim o mandou chamar, ao que elle respondeu: *dizei a el-rei, meu senhor, que eu nom sou homem de muitos conselhos, e pois já huma vez por elle foi determinado, como elle bem sabe, de nom deixar passar el-rei de Castella, todavia lhe poer batalha, que eu desta tenção nom me entendo de mudar, nem tornarei um pé atrás; mas dizei que lhe peço por merce que me deixe ir meu caminho, cá eu com estes poucos e bons homens portuguezes, que comigo vão, lha entendo de ir poer; se sua merce for de ir la mandemo dizer, e aguardarei em Tomar.*

El-Rei em ouvindo este recado, longe de se estomagar com elle, mandou dizer ao condestavel que se quizesse tornar que tornasse, senão que esperasse por elle em Thomar. Effectivamente com grande folgar se reuniram alli, donde partiram em direcção d'Aljubarrota de que se seguiu o que é conhecido de todos.

Pôde pois ser que o padrão queira commemorar este facto, mas não nos parece provavel que fosse levantado por D. João I.

Se o desenho que nos enviamos está completamente exacto, vê-se logo que o escudo das armas portuguezas é o que foi assente e prescripto no tempo de D. João II, em 1485, se nos não enganamos, pois até ahí, como se sabe, o numero dos castellos variava, e não estavam dispostos na fórma porque hoje n'ellas estão, e os cinco escudetes também não eram collocados todos como hoje.

Além d'isso não se vê sobre elle a cruz de Aviz, parte integrante das armas reaes desde D. João I até aquelle tempo, nem tão pouco a coroa real. Estamos inclinados a crer, que o padrão deve ter sido levantado pelos freires de Thomar para algum fim, ou então, se pretende commemorar aquelle acontecimento, foi collocado alli muito tempo depois.

Indicaram-nos a Gaveta XI da Torre do Tombo como contendo documento relativo ao assumpto; em nenhum dos documentos d'ella encontramos referencia a elle, assim como também a não achamos em alguns da III.<sup>a</sup> X.<sup>a</sup> XII.<sup>a</sup> XV.<sup>a</sup> e XX.<sup>a</sup> gavetas, que se referem a Thomar e que também vimos.

## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

## ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXVII<sup>1</sup>

Como contraste, estão logo ao pé duas pulseiras celticas de ouro massiso, havendo entre umas e outro a distancia de mais de 2:000 annos talvez.

O fructeiro circular (n.<sup>o</sup> 110), de prata dourada, de fundo também levantado, e lavrado de muitas figuras e outros ornatos, pertenceu, de certo, á mesma collecção do n.<sup>o</sup> 82 e 85, porque n'elle se vê também o brazão dos Souzas com a corôa de marquez. Deve ser obra portugueza e do seculo xvi.

Segue-se-lhe uma concha de prata, que também se julga ser obra portugueza.

São muitos os fructeiros com ramagens e figuras humanas em relevo; especializaremos o n.<sup>o</sup> 119 pelo seu valor iconographico. É de prata rebatida, a sua ornamentação é de figuras humanas, carrancas e folhagens, mas apresenta no medalhão central um galeão com bandeira portugueza. É do seculo xvii, e deve ter pertencido a algum maritimo d'essa época.

Ha varios outros artefactos, salsas e fructeiros muito notaveis, alguns com brazões, outros datados, que todos merecem ser vistos e estudados.

Deixando muitos outros objectos dignos de nota, daremos um pouco de attenção ao pingente (n.<sup>o</sup> 170) todo ornamentado de ouro, guardado de topazios, obra indo-portugueza. Na parte superior apresenta a figura de um idolo, e na inferior tres pequenos pingentes; um collar hispano-arabe de ouro, tendo no centro um ornato de pedras vermelhas e verdes; um relicario de ouro e crystal, obra portugueza do seculo xvii, que tem a assignatura de David, e muitos outros objectos magnificos, de industria e trabalho allemão, italiano e francez, dignos de se vêrem, mas que se não podem considerar de arte ornamental portugueza e hespanhola.

R.

## INDIA PORTUGUEZA

## MORMUGÃO

Tinham chegado á mais completa decadencia as nossas possessões indianas, esses minguados restos do nosso dominio oriental que por uma praxe burocratica conservam ainda a pomposa denominação de — Estado da India.

Cortadas de ha muito quasi todas as relações com a metropole, restar-lhes-hia como ultimo e logico recurso, a sua ligação commercial com os vastos paizes em que se acham encravadas, paizes em que a industria tem chegado a um alto desenvolvimento, e o commercio tem attingido proporções espantosas.

Bem perto, apenas a 24 horas de caminho de Gôa, está Bombaim, uma das cidades mais populosas e commerciantes do mundo, e é realmente para entristecer o contraste profundo que se encontra ao comparar a capital da presidencia ingleza com a capital do Estado portuguez!

Nos territorios britannicos, que circumdam a nossa pequena provincia, existem culturas altamente productivas, como o algodão, enquanto Gôa, reduzida a palmares e arrozaes, nem mesmo chega a produzir o arroz preciso para sustentar a sua população!

E, todavia, esta terra, com menos de meio milhão de habitantes; com uma area pequenissima, sem industria propria, sem agricultura sufficientemente productiva, tinha a pretensão de viver totalmente isolada do paiz circumvisinho, tendo a sua fronteira cheia de alfandegas, um systema monetario differente, um regimen fiscal diverso, a ponto de se tornar um verdadeiro ninho de contrabandistas de sal, — e aproveitando a muralha natural dos Ghates e a ausencia quasi completa de navegação directa para fechar os olhos e os ouvidos a tudo o que significasse mudança n'aquelle *statu quo* curiosissimo.

Era um verdadeiro suicidio.

Aproveitando a circumstancia de existir na nossa costa um dos melhores portos do Indostão, o governo portuguez, seguindo uma inspiração feliz, fez com a Inglaterra o tratado de 26 de dezembro de 1878, que acabou com as alfandegas terrestres, estabeleceu uma liga aduaneira entre os nossos portos e os da India britannica, regulou a organisação fiscal da pro-

<sup>1</sup> VII. Cap. xxiv.

vincia, harmonisou os systemas monetarios, e finalmente determinou a construcção do caminho de ferro de Mormugão, que partindo d'este ponto da costa portugueza, e seguindo perpendicularmente para o interior, vae pôr o nosso territorio em communicação com os grandes centros productivos do algodão.

Achamos extraordinario, quando a sangue frio examinamos as estipulações d'esse accordo diplomatico, o facto de haver o tratado levantado verdadeiros brados de indignação por parte dos indigenas, e em geral dos habitantes da India portugueza.

Esse facto tem, todavia, a sua explicação. Accordado de um somno secular, chamado de repente ás luctas da concorrência e ás contingencias de uma extraordinaria resolução economica, o habitante de Gôa recuou a principio

## O ABANDONO

(Continuado do n.º 128)

Por entre as arvores, onde só a espaços havia rumôres ligeiros do vento socegado, subiu o grito éccoante e tremulado d'uma locomotiva que chegava ao apeadeiro proximo, arrastando pachorramente um longo comboio de carruagens negras e avermelhadas, no meio d'um barulho confuso de pancadarias metallicas. Então, o Joaquim, não podendo apanhar mais pinhas, sentou-se n'um tronco a descansar, coçou regaladamente a cabeça semeada de guedelhas muito compridas, e disse:

— É uma hora! vamo-nos embora.

E os outros, dedicadamente, recommendaram: — Agora olha como desces. Mas ao mesmo tempo um ruido assustador e desusado levam-

suas lamurias roucas, e cães uivam tremulamente. Mas, lá de cima, o Joaquim preveniu-os:

— Olha o rebanho do Chico Raméla!

E todos se viram, em seguida, rodeados de muitos chibos, ovelhas sujas e grandes carneiros, que desciam n'uma corrida branda, abocanhandoervas raras, e acamando na passagem todo o matto curto. Alguns carneiros, gordos e lanuzdos, de cornos fortes e retorcidos, paravam levantando para elles demoradamente os seus olhos vagos; outros passavam gravemente, indifferentes; e balidos tristes repetiam-se d'envolta com cascalhadas tremidas de bodes, emquanto que um cheiro nauseabundo se alastrava e subia imperioso. Os rapazes, muito contentes, entregaram-se logo a uma boa pandega de saltos phreneticos no meio do rebanho, e agarrando-se valentemente a cornos resistentes, gritavam deliciados:

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL



INSTITUTO GERAL DE AGRICULTURA — LABORATORIO CHIMICO (Segundo uma photographia de Rochinni.) Vid. artigo do n.º antecedente.

diante de factos, que transtornavam completamente o seu viver. Ha dois annos e meio que vigora o tratado, e já hoje a opinião illustrada se vae convencendo de que o remedio energico que o paiz exigia era exactamente o que se lhe applicou.

O caminho de ferro de Mormugão começou em novembro do anno passado.

As cinco gravuras que hoje publica o OCCIDENTE representam o estado actual dos trabalhos.

Dominando o vasto e formoso porto de Mormugão, havia uma boa fortaleza, cujas negras muralhas vão sendo derrocadas, para dar lugar á construcção de aterros, de dokas, de caes, de armazens, de todos os utensilios, enfim, de uma grande cidade commerciante, como forçosamente ha-de ser Mormugão dentro em poucos annos.

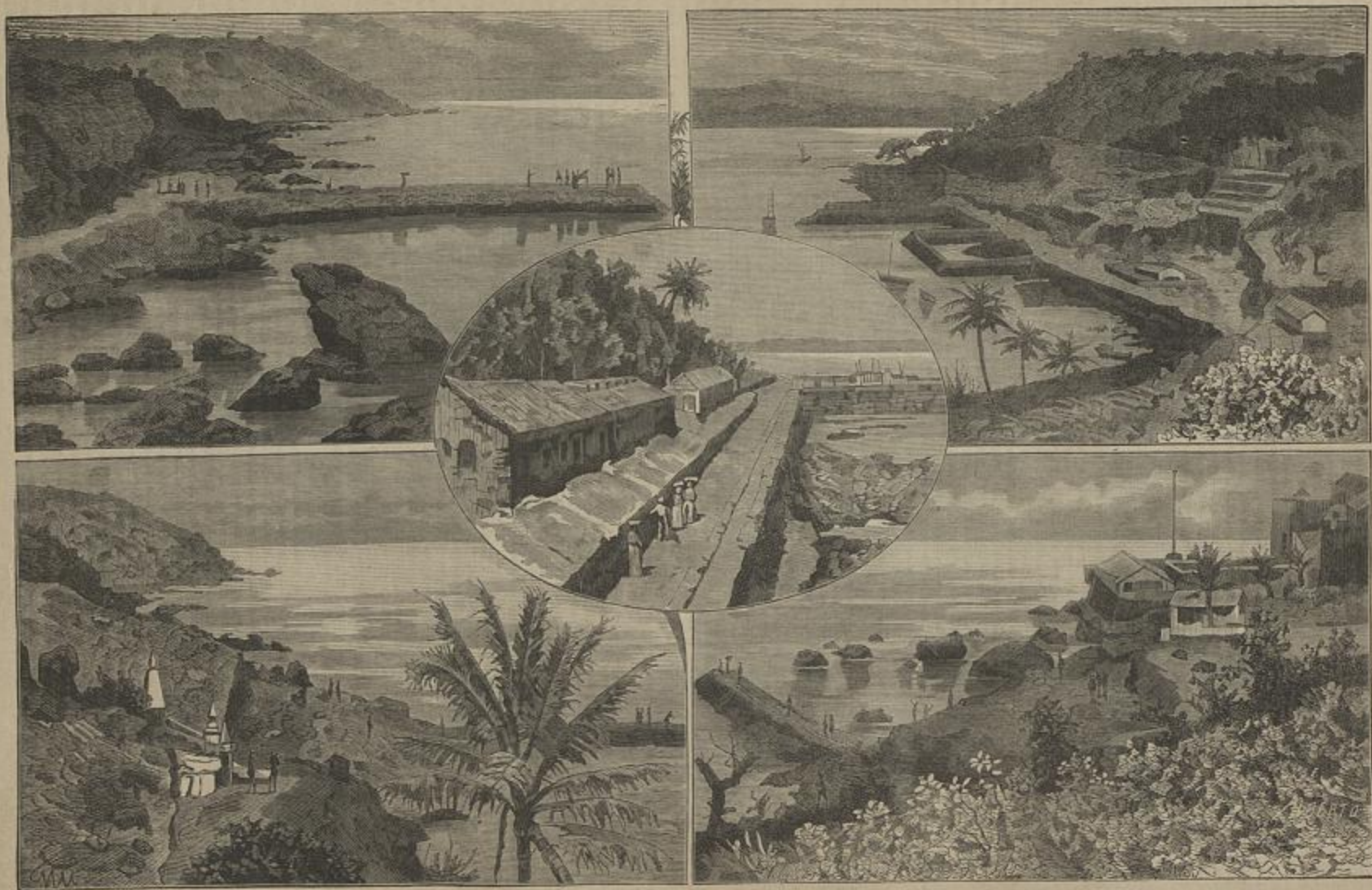
Hoje a povoação de Mormugão compõe-se de uma pequena e miseravel aldeia, cujas cabanas se abrigam sob palmeiras, e habitada quasi exclusivamente por pescadores.

R

tou-se, para os lados do mirante; era um estalejar continuado d'arbustos, por sobre os quaes passava tambem, tumultuariamente, o vento em lufadas loucas, vergando e derrubando tudo. Os rapazes tiveram medo, e esconderam-se apressadamente atraz d'umas giestas grandes, por entre as quaes o mais arrojado se poz a espreitar, ansioso e surpreso; o barulho crescia sempre, n'uma aproximação lenta; de repente um chibo enorme appareceu, perto já do rapaz animoso, e a sua cabeça ironica immobilisou-se espantadamente, fitando-o com os seus olhos negros e luzentes n'um ar todo sereno, em que as barbas pendentes e as corneas plumas mephistofelicas eram sarcasmos terrificantes para aquelles pobres garotos, habituados ás longas historias pavorosas da lareira, em que velhas sinistras, de caras encarquilhadas e olhos fundos, fallam copiosamente de bodes infernaes, molhando de vez em quando a estopa das suas rocas, e fazendo ranger asperamente os seus fusos no meio do terror das noutés silenciosas e frias, emquanto ao longe os pinheiros ámedrontados gemem surdamente as

— Eh bode! Eh borrego! Turra! Eh!...

Com um ruido estalejante de cornaduras chocando-se, o gado ia fugindo, mansamente; algumas cabras, aos pulos, chocalhavam campainhas falhas, e ainda lá para cima, encoberto, o pastor dava assobios e bordoadas longas pelos troncos. Entretanto, um carneiro brioso não gostou da brincadeira esturdia dos rapazes, e arremetteu contra um, furiosamente, de cabeça baixa; mas elle, prevenido, fugiu-lhe agilmente, e como estava á borda d'um pequeno soalco, o carneiro, cégo na sua violencia temivel, caiu sobre um fofo atapetamento d'estevas e urzes emmaranhadas, onde ficou deliciosamente enterrado, de patas para o ar, esperando e dando cabeçadas raiosas. Nos rapazes houve um estrepito delirante de gargalhadas succedendo-se n'uma cantilena desenfreada, emquanto que improperios desalmados cahiam abundantemente sobre o carneiro infeliz, n'um gaudío acintoso de vingança reinadia! Mas o pastor, curiosamente espicaçado por esta barulheira espantosa e guinchante, deitou por ali abaixo a correr nos enormes com-



INDIA PORTUGUEZA — MORMUGÃO — OBRAS DO CAMINHO DE FERRO (segundo photographias recentemente enviadas)

passos galgantes das suas pernas fortes, e quando deu pela cousa, a sua rude cara queimada tomou uma expressão colérica, damnada, e o seu olhar torvo fазcou um brilho terrível; e o Joaquim, que via lá de cima os collegas já tremem de susto, fugindo atrapalhadamente cada qual para seu lado, interrompeu a correria descompassada do pastor fulo e bruto, cujo grande pau nodoso descrevia no ar, desencontradamente, curvas prenhes d'affagos ternos para costellas alcançadas, gritando-lhe com ancia em berros penetrantes:

— Oh Raméla! Oh diabo! Olha que se dá n'elles, ferro-te d'aqui c'uma pinha na tóla!

E o pastor, parando bruscamente, com o seu vozeirão rouco e ameaçador:

— Quem é que falla ahí?

E relanceava por toda a parte, desconfiadamente, o olhar avido; então o garoto, seguro lá no alto do seu poleiro vertiginoso, mofou:

— Grande lórpa! queres duas pinhas? Anda cá por ellas!

O Raméla, instinctivamente, mediu o pinheiro colossal, e achando com prudencia e tino que era uma massada inutil e arriscada subil-o, só para esmurrar bestialmente os queixos ao rapaz, limitou-se a berrar-lhe de baixo, muito hercules:

— Olha que se t'abano o pinheiro vaes parar a tres leguas!

E o garoto, muito sereno:

— Pois elle vae, vae! Ora abana lá, meu raméla d'olho de cão tinhoso!...

E como o pastor batido já ia descendo atraz do rebanho, descarregando simplesmente pancadas sonoras em troncos largos de carvalhos antigos, sem dizer mais palavra, o Joaquim teve a suprema coragem de tomar a offensiva, prometendo:

— Deixa estar que eu direi ao dono, que vinhestes cá metter o rebanho para estragar tudo!

Mas o Raméla ia já longe, arsobiando consoladamente, e não o ouviu ou não fez caso, socego e arrogante; porém a Angelica, uma mocetona bôa e valente, d'altos hombros e seios fartos, e que dava que fallar na aldeia bisbilhoiteira, pelo immenso prazer desprendido que mostrava em andar sempre na companhia do pastor, passava então sob o pinheiro, e respondeu á ameaça estouvada e fanfarrona, perguntando cantadamente para cima com a sua voz estridente:

— E enton tu á que vinhestes, ó bandalho? Roubar as pinhas, que nun fica nem umal! Vae fazer queixa, vae, que nós t'arranjaremos.

Uma réplica habil e robusta que esmagou o rapaz; mas elle, para não mostrar aos amigos, inferiormente, a sua derrota formal, pôz-se a berrar muito, desaforadamente, macaqueava com exaggeros comicos a voz da moça indignada, e repetia com insidia precóce e aldeã:

— Olha a oitra! olha a oitra! Vê se te calas!

Quando a Angelica, fazendo attentamente a sua meia d'algodão azul, com uma agitação parcial dos braços e movimentos rapidos dos dedos que dirigiam as agulhas reluzentes e compridas, desapareceu tambem no carvalho, os rapazes que tinham fugido approximaram-se do pinheiro, socegradamente, e apenas de toda a tormenta passada os dominava o receio natural e sensato, que se communicavam tristemente:

— E se elles levaram as pinhas do chão?

E puzeram-se a procural-as, tomados d'um abatimento justificado, que pouco a pouco se foi mudando n'uma satisfação completa e expansiva. A' medida que as iam achando, contavam-n'as muito alto, alegres e animados; e invadidos por uma apprehensão subita e desconsoladora de que um novo contratempo fatal sobreviesse, andavam todos n'uma faina avida, correndo e saltando, para juntarem immediatamente n'um monte as pinhas furtadas. Entretanto o Joaquim tinha descido do pinheiro, e apresentando gloriosamente aos outros, humildes e respeitosos, o seu fato todo molhado, rôto e cheio de rezina, dizia soberbamente referindo-se ao caso do Raméla:

— Se lhe nun quebrei a tola, foi porque nun quiz.

E os outros, sentados no matto humido e coçando as pernas surrentas, deliciadamente, repetiam um por um como n'um echo fiel e submisso:

— Bê! Eu cá era o que lhe fazia logo.

O Joaquim, sobranceiro e piedoso, observou prudentemente:

— Deixal-o! Tãmem, ia uma pessúa parar a essa cadeia...

E o da Belizanda, imaginoso e amigo de mostrar a sua perspicacia larga e avançada:

— Ou a uma costa d'Africa!

Entretanto o cão do pastor, um grande cão de pello amarello e focinho negro, como tinha

ficado para traz, vinha agora descendo n'uma corrida estonteada para apanhar o dono; e como se suspeitasse, espertamente, que os rapazes estavam a fallar d'elle, parou de subito, e olhando-os de lado começou a andar muito devagar, rosnando surdamente. Já o cão ia distante, ainda a passo, desconfiado, quando o Joaquim serenado d'um primeiro susto, lhe gritou no meio do riso lisongeiador e festivo da sucia regalada:

— Passa fóra, Raméla!

Mas o cão voltou-se logo, parando enfurecido, e levantando o focinho mostrava os dentes agudos, rosnava com força, longamente, emquanto que os seus olhos negros faiscavam. Depois, como que tomado d'um desprezo soberano pelos farçolas, largou n'uma nova corrida veloz, ladrando muito, furiosamente; e os seus latidos asperos, que rapidamente se afastavam, iam ecoando ao longo dos troncos innumerados e desencontrados, repercutindo-se por uma parte da matta n'um ruido crescente e espalhado de vibrações tremuladas.

As nuvens do ceu fuliginoso iam-se desfazendo gradualmente em pedaços monstruosos, que como ronceiras manadas de touros apocalypticos, andavam em descanço sob o aguilhão brando do vento; em largos intersticios recortados apparecia o azul meigo, em partes velado por finas gazes vaporosas; e por todos esses buracos abertos na abobada severa, cahia alegremente a poeira alaranjada do sol torturado, em barras transparentes d'atomos d'ouro, vagos e esparsos, que vinham desenhar clareiras festivas sobre a verde-negra tristeza da terra socegada, como que adormecida sob uma melancolia humida e olorosa.

Açoutadas pelo sol, as pinhas apresentavam o aspecto pittoresco d'um bello monte d'anazes, frescos e magnificos; e o seu verde apagado e duro, com ondeados de escamas e manchas de rezina, tinha scintillações contentes e discretas, sorrindo-se a luz mordente. Ao pé, os garotos continuavam sentados, agora todos entregues a juizos cordatos sobre a conducta da Angelica; repetiam seriamente as arengas das mães e das vizinhas a respeito do caso extranhavel, e era curioso ouvir-os concluirem prudentemente, como ellas, trocando entre si olhares muito graves:

— «ao menos, se elles cazassem!»! Porém, como naturalmente o seu espirito não tolerava meditações prolongadas, um começou a fazer observações brejeiras, declarando formalmente — que aquelles é que se regalavam. E todos logo o acompanharam no mesmo terreno fecundo, entrando em detalhes rudimentares, de pequenos viciosos d'aldeia. O Joaquim, sagazmente, dizia que agora iam elles com o rebanho para o sobeirral, lá baixo, ao pé do rio; e aquillo alli, debaixo d'uma lapa... ora!

Os outros abriam olhos d'uma ignorancia gulos, e um completou:

— É como passastes, ó prima!

Depois, arrelizados, concluíram laconicamente — que o diabo os levasse; e ficaram silenciosos, fechados em pensamentos indefinidos que os remexiam e abalavam, emquanto que o petiz da Margarida, sem os comprehender, se occupava, pacificamente, em namorar com olhos ternos o monte das pinhas attraentes, onde o sol ia sempre brincando em alegrias faiscantes. De repente, o Joaquim tomando uns ares superiores de chefe carrancudo, disse aos parceiros distrahidos:

— Repartimos as pinhas?

E o da Belizanda, promptamente: E todos logo muito ciosos dos seus direitos contestaveis, repetiam desconfiados:

— Olha a pergunta!

— Bê, pois ellas haviam de ser só pr'a ti.

O Joaquim, com maus modos e arremessos, pôz-se a contar as pinhas demoradamente, vendo com pezar o monte desmoronar-se; e os seus movimentos penosos e avarentos eram agudamente seguidos e observados pelos olhos implacaveis de todos os outros interessados. Com rompente, declarou que havia vinte e tres; e os outros, um por um, escrupulosos e insolentes, contaram de novo as pinhas, não sem se atrapalharem umas poucas de vezes e recomeçarem. Então o Joaquim, olhando para aquillo muito asanhadamente, sombrio, encheu-se de indignação, e n'um despeito es'ridulo berrou:

— Sim, quem subiu ao pinheiro fui eu!

Aquillo é qu'era! bramaram enraivecidos; talvez elles não fossem capazes de lá subir? Mas o da Belizanda, com a sua esperteza fina, encolhia desdenhosamente os hombros, e envergonhava-o:

— Sempre tens um baról!

A cousa azedava-se, gradualmente; um berreiro formidavel subia, denunciador dos larapios;

cada qual estava empenhado em mostrar ao Joaquim que não fóra positivamente um prodigio subir ao pinheiro enorme; apontavam-lh'o com sujos dedos desprezivos e clamavam:

— Quem diabo não sóbe áquillo?

Um dizia com aprumo que uma vez, para chegar a um ninho, tinha subido a um pinheiro bravo que fazia seguramente tres d'aquelle; em quanto que outro, mais modesto, declarava energeticamente que era capaz de subir até por um penedo arriba. O da Belizanda, bom filho, declarava orgulhosamente que a mãe d'elle atrepava a todas as arvores que era mesmo um gosto regalado; ao que o Joaquim, todo aggressivo e furioso, respondeu:

— Para furtar as frutas, bem sei!

Então, começaram a discutir e a enxovalhar encarniçadamente as familias uns dos outros; era todo um desfilhar escandaloso de irmãs que iam ás cerejas alheias e ás maçãs do seu dono, ás uvas de fulana e ás pêras de beltrano; paes que roubavam de noite, mysteriosamente, pipos de vinho dos barcos amarrados; mães que andavam sempre pelos pinheiraes distantes e desertos á pilha da boa lenha e da moanha; e, damnados, chegaram até ao ponto desesperado e violento de esmiuçarem tenazmente o passado de tios e avós, que haviam sido lobis-homens e andaram na estrada, esfomeados e bandoleiros! Mas como um gaio trocista, naturalmente para se dar o prazer pretencioso de fazer côro, se pôz a berrar endiabradamente, proximo d'elles, os garotos fôram-se calando, ao principio julgando que fosse alguém que alli os tivesse surprehendido — a elles e ás pinhas.

Monteiro Ramalho.

## EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

Ninguem ignora quanto é difficil colligir uma serie de ephemerides relativas a qualquer assumpto dado, difficuldade que augmenta de vulto desde logo que ellas se refiram a um só paiz.

Sobre a enumeração dos factos historicos de Portugal, possuímos algumas tentativas mais ou menos felizes, taes como a *Historia verdadeira dos descobrimentos da ilha da Madeira, por ordem chronologica*, de Sebastião Xavier Botelho; o *Diario dos Successos de Lisboa, desde o terramoto até ao extremio dos jesuitas; Dedução Chronologica e Analytica*, por Manuel Fernandes Thomaz; e finalmente os *Annuarios Historicos* feitos por Lourenço Justiniano da Annuniação, padre Francisco de Santa Maria, Luiz Montez Mattoso e Antonio Travassos Valdez, que todos elles se referem a diversos successos que se de ram no mundo, e que portanto para nós não teem o merecimento, que aliás teriam, se por ventura dissessem respeito unicamente ao nosso paiz.

Além d'estes livros ha ainda alguns outros dos quaes agora não faço menção por não possuir d'elles exacto conhecimento.

Estes trabalhos, relativamente mais ou menos deficientes, estão alguns d'elles inquinados de erros, quanto á verdade historica, e civados de anachronismos e deploraveis contradicções. A este respeito posso um trabalho que no começo d'este anno tencionava fazer publicar em uma das principaes folhas diarias da capital, o que não effectuei por não ter conseguido chegar a um acôrdo difinitivo com o director d'esse jornal. A obra a que me refiro é vastissima e contém mais de 12:000 factos historicos sobre politica, artes, sciencia e litteratura em Portugal e no Brazil, desde o começo da monarchia até á actualidade.

E pois d'essa enorme collecção que extrahi as *Ephemerides Artistico-Litterarias* que vou dar á estampa. Os excellentes trabalhos do fallecido jornalista Thomaz Oom, na *Revista dos Espectaculos*, folha litteraria que sahio como supplemento á *Revista Popular*, durante 1850-1859, me subministraram valioso auxilio, se bem que n'essas ephemerides musicas hajam por vezes inexactidões que convém apontar e corrigir.

Concluindo, tenho a pedir aos meus leitores desculpa d'esta divagação que, ainda assim, serve para estabelecer considerações preliminares que julgo necessarias para melhor se fixar a attenção sobre assumpto tão interessante.

Tenho a convicção que este inventario das Artes e Letras em Portugal, e que encerra muitos factos curiosissimos, extrahidos de centenas de periodicos e livros com grande fadiga e perseverança, é o melhor, e porventura o mais com-

pleto que n'este genero tem apparecido entre nós, especialmente pelo que diz respeito á historia do theatro portuguez.

Silva Pereira.

1853. Julho 21. — João Esslinger faz a exhibição da sua admiravel collecção de *Pulgas Industriais*, na travessa do Secretario de Guerra n.º 2.

Causaram verdadeira surpresa os trabalhos d'estes pequeninos aptéros, e todos admiravam a extraordinaria paciencia de Esslinger.

Havia peças d'artilheria, baldes e poços microscopicos, cadeiras, moinhos e carruagens pequenissimas, que serviam para os exercicios, etc.

Esta exposição esteve durante uns poucos de mezes, sendo continuamente frequentada.

1866. — 21. — Debuta da actriz Emilia Adelaide no theatro da Rua dos Condes.

N'essa noite recitou a novel actriz uma poesia do sr. Bulhão Pato denominada «*A José Estevão*».

Era uma homenagem ao deus da palavra, proferida por aquella que mais tarde, no palco, nos havia de arrebatrar pela sublimidade do seu genio inspirado, como o grande orador o fez na tribuna popular.

Emilia Adelaide é hoje uma das glorias mais esplendidas do theatro portuguez.

1851. — 22. — Chega a Lisboa, vindo do Brazil, o dr. Proença, que vem propagar em Portugal a medecina homœopathica. Sabe-se quaõ rapidamente tem progredido no nosso paiz o systema do dr. Samuel Hahnemann.

As theorias d'este systema foram expostas resumidamente pelo sr. Proença no periodico litterario *A Semana*, a pag. 256, 257 e 301. do anno de 1851.

A homœopathia se não cura não mata: é um systema medico cujo emprego nunca pôde fazer mal.

1863. — 22. — Cria-se o Museu de Marinha.

1805. — 23. — Nasce em Lisboa Manuel Innocencio Liberato dos Santos, que foi discipulo do grande compositor Frei José Marques de Sancta Ritta e Silva.

1852. — 24. — Representa-se no theatro de D. Maria II, pela primeira vez o drama de grande espectaculo em 5 actos, original de D. José d'Almada e Lencastre: *A Prophecia ou a Quêda de Jerusalem*.

Esta peça, approvada pelo Conservatorio de Lisboa, foi posta em scena com todo o esplendor, dando successivas enchentes e repetindo-se por mezes consecutivos.

1824. — 25. — Representa-se em S. Carlos pela primeira vez, a opera do maestro Vaccaj «*Pedro o Grande*» desempenhada pela Vazze Destri, Martinelli etc.

A obra prima de Vaccaj é a opera *Julietta e Romeo*, cujo 4.º acto é no theatro substituido ao de Bellini nos *Capuletti e Montecchi*, opera representada em S. Carlos pela 1.ª vez em 1835.

1784. — 26. — Primeira representação, no theatro Nacional do Salitre, da opera «*Licença Pastoral*» de Marcos de Portugal.

1840. — 26. — Scenas de tumulto em S. Carlos. Grande pateada á prima-dona Catharina Barilli. Foi depois da representação da opera *Marino Faliero*.

Dois partidos se tornaram celebres nos annos do nosso theatro lyrico: os *barillistas*, que tinham um jornal denominado «*O Entre-Acto*» e os *bocabadistas* que tinham dois outros intitulados *A Revista Theatral* e a *Sentinella do Palco*. Os ultrajes ás duas eminentes cantoras choviam de parte a parte. Chegou a haver desafios entre os redactores dos dois primeiros periodicos.

A melhor opera do repertorio de Barilli era a *Gemma de Vergi*, onde, em 1838, havia brilhado a celebre Tavola.

A *Lucrecia Borgia* era a melhor corôa da Bocabadati. Barilli tinha a voz fresca, vibrante e extensa, potente e agradabilissima nos *trilhos*, mas a sua rival era mais actriz e mais perfeita como cantora.

Em 15 de fevereiro do seguinte anno deu-se novo tumulto por occasião do beneficio de Barilli.

Luiza Bocabadati foi mãe de Augustina Bocabadati que, em 18 de março de 1841, debutou em S. Carlos obtendo um completo triumpho. Adelina Patti é filha da Barilli, que perdeu a sua bellissima voz mal deu á luz aquella que lhe havia de succeder na realza do palco e ser a primeira cantora do mundo.

1876. — 27. — Morre em sua casa na rua de S. Philippe Nery n.º 26, o erudito auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*: Innocencio Francisco da Silva.

Falleceu tendo 66 annos de idade incomple-

tos, pois que havia nascido em 28 de setembro de 1810.

1646. — 28. — O corpo docente da Universidade jura em pleno claustro defender a dogma da Conceição Immaculada de Nossa Senhora.

1856. — 28. — Representa-se no Theatro de D. Fernando a celebre opera comica *A Barcarolla*, palavras de E. Scribe, musica de Auber.

Foi um dos maiores successos theatraes d'aquelle tempo.

1861. — 28. — Mr. Tanner (note-se que não é o exentrico doutor da fome) apresenta na praça do Salitre a sua maravilhosa collecção de *cães e macacos sabios e industriosos*, os quaes executam *extraordinarios e surprehendentes exercicios*.

Estes bombasticos adjectivos são todos de cartaz.

No entanto aquella collecção de *brutos habilitados* foi uma das melhores que n'aquelle tempo admiraram os nossos alfacinhas.

1619. — 29. — Apparatoso corrida de touros e jogo de canas no Terreiro do Paço, solemnizando a vinda a Lisboa do poderoso rei Filipe I

1759. — 29. — É prohibido aos jesuitas o ensinamento nas aulas e escolas officiaes do reino, bem como na universidade.

1830. — 29. — É ordenada a construcção da praça de Campo de Sant'Anna em Lisboa, sendo as despezas por conta da Casa Pia.

Foi constructor o architecto Malaquias Ferreira Leal. Começou a construcção em dezembro e findou em julho do seguinte anno.

A despeza foi de 21:356\$556 réis. (4:109\$600 réis em papel moeda e 17:246\$956 réis em metal sonante).

A praça ficou com a capacidade necessaria para 6:000 espectadores, comprehendendo 100 camarotes, 54 cadeiras, 3:800 logares de sol e 1:700 de sombra.

A primeira corrida verificou-se em 3 de julho de 1831.

1839. — 30. — Lei creando no paiz 100 escolas officiaes.

1839. — 31. — Sobre á scena em S. Carlos, pela primeira vez, a opera em 3 actos *Zampa*, musica de Harold, desempenhada pela Feriotti, por Colletti, Patti, Marianni. etc.

1848. — 31. — Representa-se no theatro de D. Maria II, pela primeira vez, o magnifico drama em 5 actos *O Alcaide de Faro*, original do talento escriptor Joaquim da Costa Cascaes.

O *mis-en-scene* era deslumbrante.

Foi ensaiado pelo actor Epiphanyo.

Fez epocha e esteve em scena por longo tempo, auferindo enormes lucros para o cofre da associação.

1849. — 31. — Primeira representação, no theatro de D. Maria II, do drama biblico de grande espectaculo em 7 actos: *O templo de Salomão*, escripto pelo fecundo escriptor dramatico José da Silva Mendes Leal Junior.

Esta peça foi um dos maiores successos theatraes de que ha memoria e marca uma das mais brilhantes epochas do nosso theatro normal.

Sessenta e tantas vezes foi á scena successivamente, sempre com espantosas enchentes e estrepitosos applausos. Depois continuou em dias interpolados durante o resto do anno e parte de 1850.

Em 1851 voltou á scena novamente produzindo o mesmo entusiasmo.

O esplendor do scenario e a riqueza dos factos, excedeu tudo quanto até alli havia apparecido de fascinante nos nossos theatros.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

AS RAÇAS HUMANAS, por Luiz Figuiet, versão portugueza de Abilio Lobo. — Empresa Litteraria Luso-Brasileira, editora, Lisboa. — 4.º grande de 610 pag. prefusamente illustrado com bellas gravuras e cromolithographias da edição franceza. As obras de Luiz Figuiet são de uma tão incontestavel utilidade como vulgarisação scientifica, que é um verdadeiro serviço á instrucção o que a Empresa Litteraria Luso-Brasileira acaba de fazer, publicando em portuguez, o livro de que vimos de fallar, ao qual se segue *O Homem Primitivo*, e porventura todos os outros da magnifica collecção de Luiz Figuiet.

A versão portugueza é correcta e a edição pôde-se classificar luxuosa para o nosso mercado de livros.

JORNAL DE VIAGENS, director Antonio Ferreira de Brito, Porto. Temos recebido até ao n.º 14 de 13 de julho corrente com a maior regularidade.

SCIENCIA PARA TODOS, redactor Francisco d'Almeida. Está publicado até ao n.º 26. Continua a publicar artigos de muito interesse litterario e scientifico. O limitado preço d'esta publicação faz com que esteja ao alcance de todos o instruirem-se com conhecimentos uteis.

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, collaborado pelos principaes escriptores, livraria Zeferino, editor, Lisboa. Fasciculos 35, 36 e 37 de 48 pag. cada um in-folio. Alcança a palavra *Auer*.

RELATORIO APRESENTA'O PELA DIRECTORIA DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA EM PERNAMBUCO, *d'Assemblêa Geral*, em 16 de outubro de 1881. — De 64 pag. in-8.º — Pela leitura d'este relatorio parece que é lisongeiro o estado economico d'esta sympathica instituição, e entre outras noticias que n'elle deparamos, acha-se uma que se refere á subscrição aberta pelo gabinete para o monumento que em Lisboa se pretende elevar a Alexandre Herculano. Essa subscrição produziu 580\$000 réis fracos, que convertidos em moeda portugueza produziram 242\$680 réis, que foram enviados para Lisboa ao sr. José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da comissão central de Lisboa.

NO PALCO, *Monologos e Dialogos em Verso* de Raul Didier, Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto 1882. Um folheto de 70 paginas in-8.º.

Este pequeno livro de versos lê-se de um jacto com o maior prazer, porque a poesia sahe espontanea e facil decimulando perfeitamente o processo, com que o seu autor por vezes se preoccupa, quando trata de emitir outros poetas, como por exemplo alguns d'aquelles a quem dedica parte das poesias de que se compõe o seu livro.

O INSTITUTO, *Revista Scientifica e Litteraria*, vol. XXIX. Abril de 1882, 2.ª serie n.º 10, Coimbra. O summario d'este numero é o seguinte:

*Economistas Portuguezes*, por José Frederico Laranjo, *Estudos sobre a Mutualidade de Servicos*, por João Vicente Roque Cupertino de Andrade, *Macau e Timor (Documentos officiaes)*, *Esboço Biographico de Miguel Baptista da Silva*, por João Pinto Rodrigues dos Santos, *junto do Tumulio de Miguel Baptista*, por Alfredo Vieira.

LA LIBRERIA, *Propaganda litteraria universal, Catalogo Mensual de Gaspar*, editores, Madrid, 1.º anno n.º 1.

ERICO. *Boletim da Sociedade Litteraria Alexandre Herculano*. Estam publicados os n.º 2 e 3 sendo este ultimo dedicado ao Marquez de Pombal, de que publica um retrato.

HOMENAGEM Á MEMORIA DO MARQUEZ DE POMBAL, *Aos Promotores do centenario do Marquez de Pombal em Pernambuco*, Recife. Typ. Central, 1882. Poesia por Francisco Ignacio Ferreira.

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL, *8 de maio de 1882. Ao Marquez de Pombal*. Poesia de Antonio Lopes Cardoso, distribuida no sarau litterario-musical organizado pela comissão promotora dos festejos do *Club de Regatas Guanabarensis* e effectuado no *Imperial Theatro de D. Pedro II*. Rio de Janeiro.

Á CAÇA DA HYDRA, *aos Estudantes Portuguezes*, por Gomes Leal. Lisboa. Um folheto de 8 pag. Poesia comico-burlesca a proposito das medidas repressivas do governador civil o sr. conselheiro Arrobas.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Nunca deixes caminho direito por atalhos.



PERNAMBUCO AO MARQUEZ DE POMBAL, em comemoração do primeiro centenario do grande estadista. Publicação unica de 8 pag. in-folio grande, publicada pela commissão executiva do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco. A primeira pagina é ornamental tendo ao centro desenhado o busto do Marquez de Pombal, demasiado jovem para o momento historico do notavel estadista. Insete artigos e poesias diversas em que se faz o elogio de Pombal.

O editor d'esta publicação é o sr. A. da Maia Pessoa, acreditado livreiro em Pernambuco.

GALERIA DE VARÕES ILLUSTRES DE PORTUGAL. — VASCO DA GAMA, por J. M. Latino Coelho — David Corazzi, editor, Lisboa. 8.º de 300 pag. com um retrato. E' o 2.º vol. d'esta collecção, cujo primeiro, que trata de Luiz de Camões, foi publicado em 1880 por occasião do centenario do poeta. No volume que temos presente faz o illustre academico e insigne estylista, um substancioso estudo a respeito dos precursores de Vasco da Gama, devendo o volume que se lhes segue tratar mais especialmente de Vasco da Gama. Podemos affiançar que é este um dos melhores trabalhos do sr. Latino Coelho e que faz muita luz sobre a historia do arrojado navegador, que o mundo inteiro conhece pela muita gloria que deu a Portugal.

ARCHIVO DOS AÇORES — publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana... 1882, Ponta Delgada, — Ilha de S. Miguel. Typ. do Archivo dos Açores. Com pequeno intervallo recebemos os fasciculos xv, xvi e xvii d'esta publicação e que são os 3.º, 4.º e 5.º do terceiro volume d'este importantissimo Archivo.

Pelas noticias que temos dado com relação aos anteriores fasciculos conhecem os nossos leitores a índole d'esta publicação, os serviços que ella presta á historia geral do nosso paiz, e como, a despeito do pouco favor que em tempo lhe era

dispensado, o seu benemerito proprietario, editor e redactor, o sr. dr. Ernesto do Canto, um dos mais illustrados e prestantes filhos dos Açores, tem seguido imperturbavelmente a sua impressão,

e que o continuariam a ser, se um trabalho indefesso os não escavasse dos archivos, a reprodução e tradução de opusculos e capitulos de obras curiosas ou importantes que á historia, usos e costumes dos Açores se referem, tornam esta publicação do mais alto interesse para o estudioso. Vem-a já hoje citada em quasi todos os trabalhos estrangeiros que nos chegam ás mãos, e, vergonha é confessal-o, parece desconhecida á maior parte dos nossos homens de letras e sciencia, porque cada dia encontramos nos seus trabalhos reproduzidos erros, que, a terem olhado para o Archivo dos Açores houveram evitado. Esta obra é unica no seu genero entre nós, não teve precedentes, nem terá talvez imitadores; esta gloria deve ennobrecer o seu benemerito editor, cujo galardão está na consideração que os sabios estrangeiros lhe prestam. Aguardamos e esperamos com confiança o proseguimento, de tão util empreza, por que sabemos que nem falta a dedicação, nem vontade, nem os materiaes.

O SR. DEPUTADO, *Scenas da Vida Contemporanea*, por Julio Lourenço Pinto, Porto. Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores. 8.º de 330 pag. e 20 de prefacio. Este livro revela-nos um novo romancista que se felia na escola moderna e diga-se a verdade, apresenta-se com um fino espirito de observação estudando muito bem o natural. O romance *O Sr. Deputado*, é de um facil enredo que singelamente se desenvolve sem fatigar o leitor, deixando transparecer a critica dos costumes d'hoje, com uma fórmula pouco vulgar. Não sabemos se esta é a primeira produção do sr. Pinto, mas seja ou não, tem

bastante merecimento para que não passe despercebida no nosso pequeno mundo litterario.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6



PADRÃO DE D. JOÃO I, EM THOMAR

(Segundo um desenho communicado pelo sr. Ribello Arthur)

não se importando senão com o immenso serviço que ella presta ao estudo geral dos nossos descobrimentos e colonias, e em particular ao do bello grupo das nove ilhas dos Açores, prolongamento da nossa sociedade continental, e hoje a ultima balisa do nosso sangue para o lado do occidente. A enorme quantidade de documentos ineditos, originaes, completamente desconhecidos,

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MAGEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampas ou valles do correio.

EXPEDIENTE

DO

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1883.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882, até ao dia 25 de julho do corrente anno.